

EDITORIAL

A **Phoînix**, no ano de 2009, além de estar lançando o seu décimo quinto volume, inicia uma nova fase editorial. Até então, com uma periodicidade anual; a partir deste ano, a **Phoînix** passa a ser semestral. O presente número representa o início desse novo percurso. A mudança da periodicidade em nada altera a proposta fundamental da revista de se caracterizar por ser um espaço isonômico de publicação, voltado para mostrar a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras referentes às sociedades antigas; além de estabelecer um lugar de diálogo entre os estudiosos da Antiguidade, brasileiros e estrangeiros, com os demais saberes.

Este número é composto por oito artigos, que aceitaram o desafio de compreender sociedades tão distantes temporalmente da nossa. Para tanto, debruçaram-se sobre “múltiplas escritas”, abrangendo documentos de distintas naturezas: literária, histórica, teatral, filosófica, epigráfica, imagética e arquitetônica. Hartog (2003, p.195) já atentara que o historiador da Antiguidade tem a difícil tarefa de enfrentar a heterogeneidade documental:

(...) um texto, uma escavação, uma imagem são ‘discursos’ diferentes, cada um seguindo sua trilha própria, com sua lógica particular, que, no entanto, precisam ser entrecruzados em algum lugar. Tarefa bastante delicada, tendo em vista que o texto, a escavação e a imagem são, cada qual a seu modo, múltiplos, complexos e conheceram, segundo o ritmo de diferentes temporalidades, mudanças e variações. Eis o que implica ser historiador da Antiguidade – ou a tarefa impossível de situar-se, com acuidade e finura, na encruzilhada de múltiplas competências.

Estes artigos abrem-se à possibilidade de construir instigantes e interessantes interseções. Assim, a concepção de beleza dos helenos, que, inclusive, fornece paradigmas para a nossa sensibilidade contemporânea ocidental, é tratada através da imagética ática e dos escritos aristotélicos. O aspecto político, entendido na acepção da Nova História Política, aparece nas práticas esportivas e nos escritos literários de distintos gêneros do mundo clássico. Neste mesmo viés historiográfico, inserem-se também as reflexões sobre a cidadania ateniense, assim como as discussões sobre a caracterização, o papel e a atuação

dos governantes, sejam eles imperadores romanos ou reis mesopotâmicos. Temas, sem dúvida, que ainda reverberam na atualidade e, por isso, podem contribuir para compreendermos melhor o tempo presente.

Por fim, fiéis ao nosso compromisso com a divulgação de um saber de qualidade sobre as sociedades antigas no nosso país, os Editores Científicos da **Phoînix** sentem-se na obrigação de alertar contra uma prática editorial nefasta presente na publicação do livro *O Império greco-romano* de autoria de Paul Veyne (2009). Obra de fôlego de um renomado estudioso da Antiguidade, a versão brasileira foi lançada no nosso mercado sem a impressão das suas 2.862 notas! Para se ter acesso a elas, o leitor deve se cadastrar na editora e baixar um arquivo, tendo ainda a agravante de não poder imprimi-las. Com isso, caso deseje consultar as notas durante a leitura do livro impresso, deverá ter à mão um computador com o referido arquivo. Tal prática editorial implanta uma nova e perigosa concepção de livro, já que desconsidera que a nota é um componente essencial da publicação. Uma situação é um livro que não tenha nota; outra bem diferente é um livro que tenha notas numeradas e venha sem as mesmas! Algumas editoras dispõem algumas partes dos livros (anexos, tabelas, listas, arquivos) em CD's, ou mesmo, em alguns *sites on line*; mas as notas, não. As notas – bibliográficas ou explanativas – são partes inseparáveis do texto. Com elas, os autores citam fontes, expõem ideias adicionais, opções metodológicas, etc. Por isso mesmo, não é possível, nem muito menos correto, lançar mão do expediente citado. O descaso com os leitores brasileiros é evidenciado quando se sabe que a edição original em francês (2005) tem 876 páginas (quase o dobro da edição brasileira) e custa por volta de € 25 (vinte e cinco euros), o que equivale a um pouco menos de R\$ 100,00 (cem reais), enquanto que a edição brasileira vem apenas com 450 páginas, e seu preço é R\$ 170,00 (cento e setenta e nove reais). Repudiamos e denunciaremos essa prática editorial mutiladora e mercenária.

Os Editores

Referências bibliográficas

HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília, DF: Editora UnB, 2003. (Coleção Pêrgamo)

VEYNE, P. **L'empire gréco-romain**. Paris: Seuil, 2005.

_____. **O império greco-romano**. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2009.